

Transcrição de entrevista

Entrevistada: Marie Clara Innocent

Entrevistadora: Fátima e Silva de Freitas

Duração da gravação: 1 hora e 05 minutos

Local: Alameda Julia da Costa: N° 1417

Curitiba – Paraná

Convenções

[] – Interrupção de gravação.

() – Informações adicionais sobre a entrevista ou fatos narrados.

() - Para risos ou outras manifestações de sentimento.

(?)- Inaudível

//- Incompreensível.

Itálico - para ênfase em alguma fala do narrador.

F: Fátima

M.C: Maria Clara

Observação: Maria Clara também é conhecida por Marie. Foi como ela se apresentou no dia da entrevista. Embora se refira a ela mesma em vários momentos da entrevista como Maria.

F: Então Marie, nós vamos fazer uma entrevista, eu vou conversar um pouquinho com você, sobre (acho que está certo), sobre a tua história e tal né. Hoje é. Que dia é hoje? Hoje é dia 18 de dezembro de 2015. Nós estamos no seu local de trabalho, aqui na Rua Julia da Costa. Eu gostaria que você começasse falando seu nome, sua idade. Como é o seu nome?

M.C.: Maria Clara Innocent.

F: Maria Clara Innocent. Onde você nasceu?

M.C: Lá Haiti

F: Mas que lugar do Haiti?

M.C. Dessalines

F. Como é que escreve? É uma cidade do interior?

M.C: Não, Haiti mesmo.

F: Tá, mas, não é em Porto Prince? Porto Príncipe

M.C: Perto né. Sabe tem Curitiba e tem outro muito lá dentro, sabe?

F. AH! Entendo. É um departamento dentro de Porto Príncipe.

F: Que ano você nasceu Marie?

M.C: 1986

F: 1986

M.C: É

F: E Você viveu sempre nesse lugar onde você nasceu?

M.C: Não eu deixei eu tinha dezesseis anos.

F: Que você saiu do Haiti?

M.C: Uhum!Uhum!

F: Lá você estudou?

M.C: Estudou lá.

F: Quantos anos você estudou lá?

M.C: Eu saí quando tem, eu sai aos dezesseis anos mesmo, eu sai da escola, com dezesseis.

F: Com dezesseis anos você saiu da escola?

M.C. Mas eu sai porque eu não tem gente para pagar escola mais pra min.

F: Ah! Hã!

M.C: Porque meu pai caiu, tava doente.

F: Você tem pai vivo ainda? Mãe também?

M.C: Tá doente ele não pode trabalhar mais. Ele está doente, mas ele é muito trabalhador, nós faze muito arroz.

F:Como assim faz arroz?

(conversa sobre o ambiente da entrevista, fechar porta, acender luzes...)

F: O teu pai trabalha com arroz?

M.C: Tem muito, ele é agrícola, ele tem bastante terra, fazendo as coisas. Mas um dia ele caiu praticamente ele tem um lado que não anda bem. E nos fica, todas as coisas que nós tem já passou com a doença. Sabe lá Haiti tem que pagar hospital tem pagar tudo, sabe Haiti não tem nada de graça lá.

F: E não tem assistência médica lá?

M.C: Não tem, tem que pagar todas as coisas de nós.

F; E você tem irmãos?

M.C. Eu tenho, mas de pai, mas de minha mãe não. Minha mãe não tem filhos, só tem nós três filhas.

F: Ah! A tua mãe teve três filhas

M.C. Uhum !Uhum!

F: Você irmão por parte de pai?

M.C: É

F; Então a tua mãe é a segunda esposa?

M.C: Uhum! Uhum!

F: Ele era casado e daí o que aconteceu?

M.C: Estão juntos casados, né. Mas a primeira filha dela, não é do meu pai. Eu sou a segunda. Mas minha mãe nunca fez filho atrás de min. Mas quando eu tinha dezesseis anos, meu pai está doente, e ela está grávida.

F: A tua mãe tá grávida de quem?

M.C: Do meu pai mesmo.

F: Não, mas não era de você era de outra irmã tua que ela estava grávida?

M.C: É de minha irmãzinha.

F: Ah! Tá. Quantos anos tem tua irmã agora?

M.C: A gora ela tem quatorze anos.

F: Mora no Haiti?

M.C: Mora no Haiti, mas ela quer vir aqui.

F: Ah! Ela quer vir para o Brasil?

M.C: Quer viajar com meus filhos sabe. Mas eu só fui buscar meus filhos, sabe. Não queria dar mentira. Mas eu falei:- Eu falei: -Se as coisas andarem bem, eu vou buscar ela para morar comigo-.

F: Uhum! Como é que foi a tua saída, por que você saiu do Haiti? Você pode....

M.,C. Não, quando eu tenho dezesseis anos eu já era enamorada, e já tá grávida. Lá Haiti para fazer cesariana bastante dinheiro. É coisa de gente rica, lá Haiti.

F: AH! É!

M.C: É para fazer uma cesárea lá, você tem que ter bastante dinheiro.

F: E se não tiver dinheiro e tiver que fazer uma cesárea, o que acontece?

M.C. Tem gente que, se você tem parente que tem coração bom, pode aumentar todo esse poder,// Mas eu tenho vergonha de fazer isso, sabe. Antes, nós éramos muito altos né (tinham mais dinheiro). Tudo o que a gente passou com a doença do meu pai. Daí, se eu for pro hospital eu não pode dar a luz bem eu vou ficar doente mesmo. Eu falei:

- O que eu vou fazer? Meu namorado não estava morando no Haiti, estava trabalhando na República Dominicana, eu fui lá. Eu quero vim fazer meu nenê lá na República Dominicana.

F: Ah! Você foi para a República Dominicana?

M.C: Eu fui lá grávida de oito meses e pouco. Quase, quase...

F: E você fala espanhol?

M.C. Eu falo espanhol mesmo.

F: Se quiere puede hablar en español, Yo comprendo. Se é, mas fácil para você. (risos)

M.C: Não, eu já falo bem em português.

F: Sim, eu estou compreendendo tudo o que você está falando.

M.C: Eu fui embora, eu não tinha passaporte, eu fui escondida, eu fui lá.

F: Como é que você fez para ir embora? (risos)

M.C: Eu fui com ônibus, com ônibus mesmo eu fui.

F: Tem como sair do Haiti de ônibus para a República Dominicana?

M.C: É de ônibus mesmo a gente foi, mas escondida assim sem passaporte. Se eu vou fazer passaporte bem rapidinho, não vai dar, vai demorar muito. Todas as coisas do Haiti demoram muito, sabia.

F: Demora?

M.C: É, eu pude acabar dando a luz. Passaporte nunca saiu.

F; Que ano era esse você lembra? 1900 e quanto?

M.C: 2002 fins de 2002, né.

F: Uhum! Uhum! E você foi para a República Dominicana?

M.C: Sim, eu fiquei lá, nasceu meu nenê quando meu bebê tinha um ano e pouco eu levei para o Haiti, era uma menina, levei com minha mãe. E ai, eu voltei de novo para trabalhar com meu marido. Depois de um ano, eu fiquei grávida de novo (Risos).

F: A menina foi a primeira que nasceu?

M.C: É depois eu faze um menino, né.

F: Quantos anos tem tua menina, já?

M.C: Minha menina tem treze já.

F: É uma menina, ai você ficou grávida de novo, do mesmo namorado?

M.C. È, do mesmo. E dai eu fiquei, vou ter que ir sempre para a igreja.

F: Ah! Igreja, você é de alguma religião?

M.C: È Assembleia de Deus. Lá eu fiquei na igreja. Mas, sabe, no Haiti se a gente não casa na igreja não dá para fazer serviço na igreja. Eu fico lá atrás como velha, né. Eu não podia fazer nada. Aí, meu marido sempre me pedia em casamento. Mas eu falei:- Não é a hora certa para eu casar. Mas eu quero ver se as coisas vão dar certo, antes do casamento.

F: E, lá na República Dominicana, você trabalhava?

M.C: Eu trabalhava, mas, eu trabalhava com a minha cabeça mesmo. Vender frutas, eu fazia umas coisinhas para eu vender, frutas, verduras né, vende muita coisa lá.

F: Uhum!

M.C: Eu depois de três anos que nasceu o menino, eu fiquei grávida de novo. Ai eu falei ai...(risos).

F: Então é uma menina (risos)que tem treze anos e um menino o que nasceu depois, e esse menino quantos anos tem?

M.C: Tem onze anos.

F: E depois tem mais um

M.C: Mais um tem oito anos.

F; são três filhos?

M.C. Três filhos. (até agora)

F: Como é o nome da menina?

M.C. A menina chama Makensia, né.

F: Makensia, depois eu escrevo.

M.C: E ai eu fiquei, já tem três....

F: Morando na República Dominicana? Quantos anos você morou lá?

M.C: Eu faze, como 11 anos lá.

F: Você morou bastante tempo né.

M.C: E depois de dois meninos, uma menina, eu fica, eu casei. Eu vi que não tem outro jeito, (risos) eu não vou prorrogar.

F: Você lembra em que ano se casou?

M.C: Eu casei 2010, mesmo.

F: Então quando você saiu do Haiti, você saiu porque você estava grávida, e porque você foi ficar com o seu namorado. E por que não fazia cesárea lá e não tinha dinheiro para pagar?

M.C: A primeira é que lá não tem hospital, igual como aqui, tem baratinho, quem quer cobra igual. Eu faze a menina lá e eu faze muito bem. Dois meninos que eu faze cesárea.

F: Lá na República Dominicana, que lugar da República Dominicana?

M.C: Santiago, né.

F: Santiago?

M.C: É, Santiago. Aí eu fiquei lá, eu já fazia três... Aí quando eu casei em 2010. Eu casei, eu quero ir a Haiti, eu quero ir a Haiti para ver minha família. Mas quando eu volto lá do Haiti passa terremoto.

F: Quando você foi para o Haiti, você voltou para o Haiti?

M.C: Mas eu sempre ia e voltava. Eu ia e voltava, eu levei dois com a minha mãe eu não deixei menino comigo, né.

F: Você levava para tua mãe cuidar?

M.C: Eu levei dois com minha mãe, os pequenininhos, que tem oito anos agora eu deixei comigo, só deixa um comigo, para não atrapalhar muito, para fazer trabalho. E

minha mãe só tem minha irmãzinha. Não tem mais.. E ai eu fiquei eu fiquei lá, passa terremoto.

F: Você estava lá durante o terremoto?

M.C: Sim

F: Como é que foi essa experiência?

M.C: Mas, lá em Porto Príncipe quebrou muito. A gente não pode controlar quanta gente que morreu. A gente não pode controlar. Só Deus mesmo sabe quanta gente que morreu. *Bastante, bastante, bastante.*

F: Você estava em porto Príncipe durante o terremoto?

M.C: Eu estava perto de Porto Príncipe. Passou lá também na casa de minha mãe tem uma parede que quebrou tudo, né. Aí eu não vi o meu papel. Aí perdeu o meu papel, eu não vivo sem o meu papel.

F: Você perdeu os papeis?

M.C: Perdeu, tem uma parede que caiu, toda gente saiu correndo, foi embora, não sabia aonde quer ir né. A gente tá perturbado né, sair correndo. Aí quando passa terremoto a gente foi para Porto Príncipe.

F: Morreu alguém de sua família?

M.C: Prima de meu marido. Prima de meu marido casou-se com dominicano, ele foi passear com ela no Haiti e dominicano foi com ele também e dominicano morreu. E tem também uma irmã da mulher uma haitiana prima de meu marido morreu também. E o lugar que nós tá lá em Porto Príncipe, tia de meu marido morava lá, quebrou tudo, mas ela não morreu. Ela fica pálida, ela não fala não sabe nada, não come, não pode fazer nada. ***** Aí eu fui rapidinho, eu voltei para a República Dominicana. Eu fui com tia de meu marido também.

F: Você conseguiu sair, durante o terremoto você tava lá?

M.C: Eu não passei para República Dominicana eu passa por Cabo haitiano, para outra cidade. Eu voltei, mas eu deixa menino lá com parente, com amiga minha lá na República Dominicana eu não pude ficar mais, mas deixa arrumadinhas as coisas lá .

F: E você teve medo durante o terremoto?

M.C: Eu tive medo, mas passa como três vezes, passa na República Dominicana, mas a cidade que eu morava lá não quebrou nada. Mas sabe por que eu voltei porque eu deixei menino. Lá passou como três vezes. Na República Dominicana também quebrou algum lugar. Mas na cidade que eu morava não quebrou nada.

F: Lá nessa cidade que não quebrou nada é no Haiti?

M.C: Mas eu passei lá, eu tenho medo que também aconteça alguma coisa. Eu deixei menino. Eu falei: - Se vai acontecer, vai acontecer comigo todos juntos. Mas quando eu voltei lá Haiti eu não achei todos os papeis certidão de casamento.

F: Não achou nada?

M.C: Não achei. Mas eu saí como meu marido e falei: - O que nós vai fazer? Nós temos que fazer outro-. Mas não pode, não pode fazer outro logo. Aí todas as coisas de Haiti que a gente faz, aeroporto tudo se quebrou né. Nó não tem nada, nada sobra mais na capital. *Nossa capital tá destruída. Tem um mesa gente encontrava gente morta, tem .dois meses trabalha e encontra gente morta, né.*

F: Meu Deus!!!

M.C: Mas eu fiquei lá e fiquei como muito medo. E aí eu falei então para o meu marido: - Vem encontrar uma saída-. Meu marido.....encontrei e quando nós chega em outubro tem um haitiano que falou:- Tem um pais que abriu para haitiano e entrou. Nós fala qual país? Tem que saber, nós não tem dinheiro. E aí meu marido falou: Todo dinheirozinho tava lá arrumadinho lá na casa de minha mãe e não tem lugar pra gente morar-. E aí nós fica pensando, eu falei o que eu tenho que fazer para ir para esse país? A gente pode passar por Equador, ir para Peru para ir ao Brasil. Nós pego um mapa para ver onde fica o Brasil. Nós tava estudando para ver...

F: Vocês sabiam alguma coisa do Brasil?

M.C. Nós pega para ver qual o lugar, se fica na América do Sul se fica na, onde que fica o Brasil..

F: Mas alguém já tinha te falado do Brasil, ou não?

M. C: Mas, não tem gente que viaja, nós sempre sabia. Tem um artista que chama Whycliff ele sempre viajou. Veio aqui no futebol do Brasil.

F: Esse artista, ele é cantor?

M.C: Ele é cantor. Ele canta em Inglês, todos os idiomas né, um haitiano.

F: Vocês sabiam dele, que ele vinha para o Brasil sempre?

M.C: Aí eu falei e dai:- Quando alguém pode levar a gente lá-. A gente não sabe, mas nós tava em viagem para o Equador. Ainda não sabia como ia ficar.

F: Vocês estavam indo para o Equador?

M.C: Uhum! Uhum! Meu marido foi primeiro. Mas eu fiquei grávida de novo, não pude viajar.(risos)

F: Essa foi sua terceira gravidez?

M.C: A quarta

F: Você tem quatro filhos?

M.C: Três meninos e uma menina. Menina a primeira né.

F: Uhum! Uhum!

M.C: Eu não pude viajar, tem seis meses. Eu falei:- Vocês vão, pode ir, deixa eu. Mas meu marido falou: - Como você vai alimentar? Eu falei: - Deu vai me cuidar pode ir-. Deus sabe que nós tava buscando uma vida melhor, né. Vai me ajudar. Mas o meu padrinho de casamento ele sempre fica bonzinho comigo, ele paga a casa, paga o colégio, põe menino que tá comigo.

F: Esse padrinho ela mora na República Dominicana?

M.C: Ele é dominicano mesmo.

F: Dominicano!

M.C: Ele é dominicano, ele tem supermercado, tem muitas coisas. Mas ele sempre manda as coisas para min para me alimentar, ele paga casa, manda pagar tudo. Ele é padrinho de casamento.

F: Hoje ele ajuda você ainda, ou não?

M.C: Agora, quando eu viajei. Eu viajei vindo aqui, ele não ajuda mais sabia. Mas ele pede sempre para nós voltar lá.

F: Eu quero só voltar um pouquinho (na entrevista). Então teu marido foi para o Equador e você estava grávida e você ficou na República sozinha?

M.C: Eu fiquei.

F: Quanto tempo você ficou lá?

M.C: Eu fica, quando meu marido me deixou com seis meses . Eu fica, quando eu tava com nove meses, dar a luz e fazê menino. E o meu marido manda o dinheiro que meu marido me mandou para eu comer...eu não come, eu fui fazer o passaporte.

F: Ah! Você fez o passaporte, daí?

M.C: Eu fiz o passaporte. Eu falei:- // Deus ajude. Alguém me ajuda pra comer e Deus sabe as coisas. Mas eu fiquei lá, passaporte demorou para sair. República Dominicana que eu fiz.

F: Você lembra que época que era isso Marie?

M.C: É 2011 já.

F: Já é 2011. Aí você já está fazendo passaporte e você já estava pensando em ir para o Equador?

M.C: É, mas quando meu marido chegou no Equador ele ia encontrar um grupo de haitianos que estava saindo do Equador. Eu falei que o dinheiro não ia dar certo pra gente ir, vai ser dólares. Mas o dinheiro é tão pequeno para a gente trabalhar com esse dinheiro, para pagar casa e *tem muito, muito frio nesse lugar*. Meu marido falou que não vai ficar meu marido está chorando. Ele falou que não vai ficar, ele não tem dinheiro mais para ele viajar. Uma tia dele que está morando no Canadá, mandou dinheiro para ele.

F: Ele ficou tempo no Equador?

M.C: Ele ficou quinze dias lá.

F: AH! Ele ficou pouquinho tempo no Equador.

M.C: Quinze dias. Ele depois ia encontrar um grupo que tá saindo de lá que vai para o Peru. Aí meu marido falou; _ tem um mapa, um geografia... ele falou-. Ele tava falando com o grupo... Brasil fica aqui, o Brasil fica do lado, a gente podia ir para o Brasil. Ele falou, como nós vai a gente não sabe se vai de com avião ou com ônibus. Aí meu marido e pega e faz um mês e pouco para chegar aqui no Brasil. Ele levou um mês para chegar aqui no Brasil.

F; Levou um mês para chegar no Brasil?

M.C: Para chegar ele levou um mês porque ele não tem dinheiro para atravessar a fronteira, tem que pagar e ele não tem dinheiro e eu não tenho para mandar. E ele não podia ligar, não podia saber como eu tô. Ele tá chorando lá na fronteira, tem ladrão pega ele tem dinheiro para entrar, mas ladrão de lá pega todo o dinheiro do haitiano.

F: No Peru?

M.C. UHUM! UHUM!

F: E teu marido tava junto?

M.C: Uhum!! Uhum!!

F; E ele perdeu dinheiro também?

M.C: Ladrão pegou que e falou que vai atravessar ele para o Brasil, e a gente pega o dinheiro, fala que vai voltar buscar a gente e não volta.

F: Enquanto isso você estava na República Dominicana?

M.C: É eu estava lá. Mas quando eu dá a luz, o primeiro dia meu marido me mandou fazer o passaporte para eu levar. Eu sai e deixei um dinheirinho, minha irmã estava viajando para a República Dominicana e ela...///, eu vou para o Haiti. Mas quando eu voltei com os dois meninos ao Haiti, eu deixei com minha mãe o bebezinho tão bebezinho recém-nascido. Eu deixei com minha mãe.

F: Ah! Você deixou o bebê também. Você saiu sozinha daí?

M.C: Eu vou voltar de novo sem o passaporte. Escondia de novo. Mas não tem saída. Eu tenho que passar, aí quando eu cheguei à República Dominicana saiu meu passaporte. Eu falei: - Aí! Meu Deus, eu já vou mudar de novo. Mas eu não tenho dinheiro.

F: E seu marido já estava no Brasil?

M.C: Ele já estava no Brasil mas ..

F: Onde ele ficou a primeira vez, você sabe?

M.C: Ah! Não sei. Meu marido ficou em primeiro caso ele entrou por Acre. Ele fez dois meses no Acre. No Brasil eu não conheci, não dá pra saber qual nação que tá entrando. Não sabe qual país haitiano não sabe falar português, demora muito para fazer R.G e CPF, demora muito. Por isso meu marido é o primeiro grupo que entrou no Brasil.

F: Ah! E você enquanto isso tava tentando vir também?

M.C: Eu tava, mas eu não tenho dinheiro. Eu estava fazendo movimento. (risos)

F: Você estava fazendo movimento para conseguir o dinheiro para vir?

M.C: Aí quando meu marido fez três meses ele foi para Porto Velho, ele morava lá, ele morava com todos os amigos dele. Morar junto no apartamento pagar juntos. Ele arrumou um trabalho// mas dinheiro aqui vale muito, vale muito. Meu marido mandou 300, 300 reais faz bastante dinheiro na República Dominicana.

F: Ah! É!

M.C: Ai eu viajei, tem que comprar bilhete. Foi quinze mil, quatorze mil pesos. Lá usa pesos.

F: Ahhã! Hã!

M.C: E lá meu marido manda dinheiro. Manda trinta e um mil pesos. É bastante.

F: É bastante dinheiro.

M.C: Ai eu compra leite, eu compra fralda, compra bastante coisa, espaguete lá é mais barato que Haiti. *Eu faze um compra grande*, coloca na caixa e vou voltar para o Haiti, para levar para as crianças.

F: Você foi para Haiti levar essas coisas? Isso em 2011.

M.C: Eu compra muita roupa, muitas coisas para as crianças e i eu fiquei. Meu marido falou que ele vai ajudar, ele está trabalhando de novo,/ /..ele vai mandar dinheiro, dólares para eu colocar visto na República Dominicana. Aí eu coloca visto de República Dominicana. Eu entrei e eu saí dia 16 de novembro.

F: De que ano você saiu da República Dominicana?

M.C: Não. Eu sai do Haiti, novembro, eu viaja dia 21.

F: Você não lembra que ano que era, 2011?

M.C: 2011 mesmo.

F: Para onde você foi? Você saiu e foi para onde primeiro?

M.C: Eu sai da República Dominicana eu passei por Panamá peguei um avião.

F: Ah! Você foi pegar um avião no Panamá. Isso dia 16 de novembro de 2011?

M.C: Não, 16 eu saí do Haiti. Eu viajei dia 20 eu saí da República Dominicana. Eu peguei um avião na República Dominicana mesmo eu peguei.

F: NA República Dominicana você pegou um avião e foi para o Panamá?

M.C: Uhum! Uhum! Para depois entrar pelo Peru.

F: E no Panamá você ficou tempo?

M.C: Não, um dia.

F: Um dia, aí foi para o Peru, e lá no Peru você ficou tempo?

M.C: Não eu não fiquei.

F: Você estava sozinha?

M.C: Não eu vinha com três amigas. Um amigo, duas amigas, eu viajei nós quatro.

F: Três amigos, um homem e duas mulheres.

M.C: Mas, quando eu entrei no Peru eu falei: - Eu tô no meu lugar, Peru.

F: Você gostou do Peru?

M.C: Não, eu falei espanhol! Lá fala espanhol!

F: Ah! Sim eles falam espanhol.

M.C: É mas quando eu cheguei, eu não andava com gente que não é da gente. Eu andava com gente que morava no Peru.

F: Outros haitianos! Tem Haitiano no Peru? Tem bastante?

M.C. Não, a gente tava atravessando para o Brasil. A gente passou lá por Peru.

F: Como é que vocês fazem? Vocês chegam em Lima no Peru, aí vão pro interior, como é que vocês fazem para poder andar pelo Peru?

M.C: Eu andei, eu falo espanhol. Mas eu pega taxi igual como toda gente, eu falei como toda gente. Eu falei:- Tô no meu lugar (risos).

F: (Risos) Você gostou do Peru?

M.C: Não, não é que eu gostei, não porque tem gente que quando não fala pega um taxi e gente não fala bem, taxi pode levar para outro lugar e pegar dinheiro da gente.. Mas comigo, eu falei: - Isso não vai acontecer comigo -. Mas falei- eu sei me defender-, eu vou entrar como gente que mora lá. Isso, eu pego um taxi e eu tô olhando, olhando.... O taxi falou aonde você vai? Eu falei: - Você não viu eu peguei taxi eu quero ir em algum lugar... – O taxi Falou: - Aonde você vai mulher? Fala aonde você vai, habla? E ai eu comecei a falar em espanhol, eu falei:- Para aqui, eu vi um banco- Eu falei:- Eu vou descer aqui. Eu entrei para eu trocar meu dinheiro por soles. Eu fui comprar soles, eu deixei um pouco em dólares e fui comprar 400,00 soles e depois eu entrei lá onde a gente compra bilhetes. Eu compra bilhetes para andar na cidade. Sabe, a gente tem que sair lá, passar Porto Maldonado, muitos lugares, né. Muitos cantinhos a gente passa.

F: Quanto tempo você ficou no Peru?

M.C: A gente.....Quando eu cheguei no Peru eu descí num hotel. /// Nesse hotel mesmo tem gente que sabe do Brasil. Falei da fronteira, a fronteira tava lá bem pertinho, vai levar gente. Mas gente falou; então tem que dar 150,00 dólares. Eu falei: - Eu vou dar 140,00– A gente não entende quando eu falei, entendeu errado eu falei então eu vou dar 130,00 para você me levar no Acre. Mas ele pega 150,00 cada um. Mas eu dá 130,00. Mas quando a gente chegou *a um lugar escuro, muito escuro*. Ele falou: - A gente vai descer lá e andar a pé-. Nós andamos um dia e um a noite, a gente passa por muito...tem água suja a gente passa, tem lama, muita lama. Depois a gente soube ônibus de novo. Aí quando chegou um lugar.. que tá bem quietinho, a gente para o ônibus, fala: - Toda gente vai dar vinte dólares de novo-.

IH!! Nós tava chagando. Não sabia se nós tava chegando. Todos os haitianos que tá curioso quer entrar no Brasil, todos deram vinte dólares, mas quando chegou em min, eu falei que eu não tem. A gente falou que você não tem eu falei porque você não falou quando eu falei que vou dar 130,00 e você aceitou. Mas agora eu não tenho 20 dólares, como você vai fazer? Ele falou:- Toda gente tava dando-. Eu falei toda gente que tem, mas eu não tenho. Eu falei em espanhol mesmo com ele. Ele falou você é uma delinquente. (risos).

F: Você falou para ele?

M.C: Ele que falou para min.

F: AH! Ele que falou para você. Você tinha mala pesada?

M.C: Eu tinha mala, mas minha mala tá bem leve. Eu acho eu vou encontrar com meu marido. Quando ele me viu, ele vai me levar a um lugar para comprar roupa para eu vestir, né. Eu tenho medo de andar com tantas coisas. Eu não ando com tantas coisas. Aí eu cheguei lá no Acre dia 23.

F: Quando você chegou no Acre, dia 22?

M.C: Eu cheguei no dia 23. Eu viajo no 20 eu entrei 23.

F: Na fronteira, como é que foi para passar?

M.C: A gente, eu falei, a gente pega o ônibus depois a gente chega num lugar escuro. As gentes falam nós vamos andar um pouquinho de pé. Nós andamos a noite inteira depé.

F: Nossa!!

M.C: Nós todos andando.

F: E não tinha polícia brasileira na fronteira?

M.C: Não, a gente não saiu certinho. Passaram por outro lugar escondido conosco. Não entrou certinho.

F: Não foi pela fronteira?

M.C: Não, ai nó todos entrô.

F: Você lembra que cidade do Acre, que era? Você lembra qual o nome da cidade no Acre que vocês passaram? Ou não?

M.C: Não, eu não sabe qual cidade.

F: Era no Acre?

M.C: No acre mesmo. A gente sempre fala a casa do Padre, né.

F: Ah! A casa do padre é verdade. Teu marido tava te esperando?

M.C: Meu marido tava no Porto Velho. E quando eu cheguei dia 23 eu liguei e disse a ele: - Eu tô aqui! - Ele logo, logo ele coloca roupa, de manhã cedo, 24 cedo , ele apareceu. Mas quando eu cheguei eu não fui na casa do Padre. Mas eu vi tanta sujeira, água suja no copo. Aí eu falei, eu não viver com essa situação. Demora para sair CPF também né. Tem gente que espera 3, 4 meses o CPF não saiu. Mas é bastante gente. Eu falei, eu não vou entrar com esse grupo. Eu aluguei uma casa por 400,00.

F: Quatrocentos reais?

M.C: È.

F: Lá no Acre?

M.C: Uma casa é.

F: Que cidade você lembra?

M.C: Pertinho mesmo, pertinho de padre, né. Na cidade.

F: Ai você alugou?

M.C: Aluguei.

F: Sozinha?

M.C: Não, nós quatro.

F: Você e tuas amigas?

M.C: Sim. Nós encontramos tudo lá dentro. Panela para fazer almoço né, nós encontramos guarda roupa de tudo, espelhos muitas coisas boa nos encontra dentro, sofá.

F: Você ficou tempo nessa casa?

M.C: Eu fazê só um mês. Toda gente que entrou demorou três, quatro meses, cinco meses para fazer CPF. Mas eu falei só em um mês meu CPF saiu.

F: Saiu o que você fez para....que deu certo?

M.C: Não, sei, é Deus Mesmo. Eu saí bem logo. Eu deixei todos meus amigos: - Eu falei eu não posso fazer nada eu tenho que ir logo. Eu tenho que voltar com meu marido.

F: Daí você foi embora com seu marido?

M.C: Meu marido já foi ele faze seis dias comigo, depois ele volta pra trabalhar. Ele tem um trabalho que tá ligando para ele, ele foi trabalhar lá.

F: O que ele fazia?

M.C. Ele trabalhava na distribuidora.

F: Distribuidora do que? De bebida?

M.C: De todos os tipos de coisas, é uma grande distribuidora, que chama de Distribuidora Coimbra.

F: Ele fazia o que, carregava...?

M.C: Carregava, descarregava. Descarregando, Distribuindo na rua também com os clientes.

F: Isso em Porto Velho? Daí você foi para Porto Velho?

M.C: Uhum!Uhum! Meu marido fazia três anos com esse trabalho.

F: E você ficou lá em Porto Velho?

M.C: Uhum!Uhum!

F: Quanto tempo?

M.C. Eu quase fico, não eu fiquei três anos lá.

F: Você ficou morando em Porto Velho três anos? Com o marido?

M.C: Uhum! Uhum!

F: Ah! Tá, você morou três anos então em Porto Velho. E daí, depois desses três anos?

M.C: Mas quando eu entrei no Brasil em Porto Velho. A gente tava pegando uns cursos para falar um pouquinho de português. Mas, eu entrei também.

F: Você entrou em um curso de..?

M.C: Eu fazê só dois meses.

F: É difícil aprender português?

M.C: Não é difícil, para min não é difícil.

F: Por causa do espanhol?

M.C: É

F: AH!

M.C: Mas tem coisas que não troca não cambiam né.

F: É verdade. Hay cosas que no cambiam! (risos).

F: Você tem amigos lá em Porto Velho?

M.C: Mas eu não acho trabalho, eu fiquei em casa bastante tempo. Eu encontrei trabalho tinha dez meses.

F: Dez meses?

M.C: Ficava sentada lá na casa, fazia almoço, faxinava a casa...

F: A tua casa?

M.C: É, enquanto. Aí quando tem dez meses eu encontrei trabalho.

F: Lá em Porto Velho.

M.C: Mas essa gente que tá encarregado de trabalho ele, eu conheci ele lá na República Dominicana. Mas ele não é uma boa pessoa.

F: É um haitiano?

M.C: Um haitiano.

F: Ele que te chamou para trabalhar?

M.C: Ele é encarregado, mas ele falou que ele é pastor. Mas eu conheci ele muito bem, ele não é.

F: Que tipo de trabalho que é?

M.C: Não, ele trabalha de construção.

F: Ah! Tá.

M.C: Todas as mulheres também trabalham de construção.

F: Como é que chama daí, de pedreira?

M.C: Chama pedreira mesmo.

F: Você trabalhou de pedreira então?

M.C: Não ele, não é eu. Eu quando eu entrei lá, ele já sabia que eu fazia cesariana e a gente não deixa eu pegar as coisas pesadas mesmo na cozinha. Ajudante de cozinha. Ai ele sempre me olhava, porque eu já conhecia ele muito bem. E ele tá na igreja que eu tava andando, ele achou que eu podia contar algumas coisas dele lá na cozinha. Porque na cozinha porque só eu que era haitiana, todas são brasileiras. Mas um dia quando têm cinco meses a gente me chamou no escritório né. Depois fala que ia me mandar embora. Mas eu não faz nada, sempre fiz as coisas bem certinho, mas eu demorei muito para encontrar trabalho. Também eu olhava muita novela para entender para eu falar um pouquinho né.

F: Você assistiu muita novela?

M.C: Eu gosta bastante, eu adorava novela.

F: Você assiste ainda?

M.C: Uhum! Uhum! Até agora eu gosto.

F: Dá para aprender português assistindo novela?

M.C: Uhum! Uhum! Dá mesmo.

F: E ai você saiu desse emprego?

M.C: A gente me mandou embora. Mas ai eu falei: - Não vou embora assim- Quando eu entrei no escritório eu falei: - Mira rapaz o que eu fiz errado? Ele tem dó quando falei assim: o que eu faze com você para você me mandar embora? Eu tenho quatro crianças no Haiti, eu quero entrar meu filho aqui no Brasil. Por que você faz isso comigo. O que eu fiz errado? Ele tem pena, ele tem dó quando eu falei assim. Ele falou não é eu quem mandou você embora é haitiano, que mandou seu nome aqui para mandar embora.

F: Quem falou com você era um brasileiro que era chefe?

M.C: Ele falou: - Ai meu Deus! Não é eu que mandou você embora Maria. Eu não mandei você embora, você está sempre distraindo a gente, fica rindo quando você tá falando. Você fala diferente. Não é eu-. Eu falei: - Quem que mandou? -. Ele falou:

- É haitiano mesmo que mandou embora. Ele mandou seu nome de manhã viu! Você tem que acreditar em min. Você vai ver hoje ele não vem de manhã ele vai aparecer aqui de tarde. Ele já mandou seu nome aqui para mandar você embora. Ele não vem de manhã para você não perceber se foi ele.

M.C: E de verdade ele não veio trabalhar de manhã. Á tarde eu liguei para uma amiga lá na cozinha, ele apareceu.

F: Meu Deus!

M.C: Aí... quando. Eu fiquei com muita raiva, mas minha raiva não demorou.

F: Não demorou (risos).

M.C: Qualquer coisa fica com raiva mais depois eu não segura, eu não pode segurar.

F: Mas dai o que você fez você perdeu o emprego?

M.C: Perdeu o emprego, mas fica mais cinco meses em casa de novo. Eu fui trabalhar na casa de família.

F: De empregada?

M.C: Uhum! Uhum!

F: Como é que foi essa experiência?

M.C: Eu trabalhei cinco meses, mas essa gente me enganou falou que ia assinar meu carteira. Me deixaram, quando tinha cinco meses...

F: Você tinha uma carteira de trabalho?

M.C: Eu já tinha.

F: E eles não assinaram?

M.C: Ela me enganou. Ela sempre... Ela era muito boa comigo, mas só isso que ela fez, ela falou que vai assinar e não assinou. E quando eu tinha cinco meses eu falei: - Eu vou sair!-. E saí mesmo, porque ela me enganou. Ela falou ela era muito boa comigo de verdade. Até agora eu sou amiga dela no face book. Mas quando eu entrei, ela falou: - Maria vai ser assim-. Eu fazia almoço, eu fazia tudo, eu fazia faxina. Mas ela não registrou.

F: Registrou tua carteira?

M.C: Não registrou, mas eu falei, não vou ficar.

F: E nesse tempo Marie que você trabalhou nesses dois lugares, você mandava dinheiro para o Haiti, ou não?

M.C: Eu sempre mandava.

F: Pra quem você mandava, para a tua mãe?

M.C; Para minha mãe. Sabe quando um haitiano viajou, encontrou um pão, dá para todos da família. Haitiano come com todos da família. Esse mês eu vou mandar para minha mãe. Mês que vem mando para minha sogra, mês que vem eu mando para uma prima, né.

F: Vocês ajudam quem está lá? E dai você saiu da casa de família e você estava morando em Porto velho ainda?

M.C: Uhum!Uhum! Mais ai quando eu sai do emprego eu fiquei em casa de novo. Mas meu marido ficou doentinho, tem uma bola que levantou atrás dele e eu ia levar ele para o hospital. Mas ele só fica na distribuidora, mas algumas coisas ele só sabe o nome das coisas. Eu falei mais rapidinho que ele (o português).Ele falou: - Maria você tem que me levar para o hospital hoje-. Eu fui com ele quando a enfermeira que tava cuidando dele. Falou: - Você não tem alguma gente que não trabalha, que eu preciso de gente para trabalhar em casa-. Ela era enfermeira, ela chama Camila, ai eu fui trabalhar na casa dela.

F: É o teu terceiro emprego então?

M.C: Uhum! Uhum! Mas era um dia sim, um dia não.

F: De diarista?

M.C: Eu aceito. Mas um dia ele tem um // tinha um azulejo pequeno, ele colocava em cima de um balcão.

F: A empresa?

M.C; Não, a empresa onde eu trabalho de diarista, aí ele colocou em cima do balcão. Ele falou: -As cadeiras em cima do balcão e o azulejinho tá em cima também-.

Ela falou:- Maria pega as cadeiras para min, por favor!

Eu peguei e quando eu peguei as pernas da cadeira, caiu o azulejo. // que pagar. Sessenta reais por dia quando eu fui trabalhar na casa dela, mas quando eu vou embora ela me dá cinquenta. Ela falou, vou pegar dez pelo azulejo.

F: Ela te cobrou?

M.C: Mas quando eu fui embora eu não voltei mais. Tem um mês dois meses e eu fiquei sem emprego eu fiquei em casa. Quando têm três meses ela me ligou de novo: - Maria eu tenho uma boa proposta para você- Eu falei: - Qual?- Eu quero ver você de novo-Eu voltei e quando eu voltei lá ela falou: - Eu vou assinar carteira Maria. Você vai receber 800,00 reais (risos). Eu acreditei, mas quando eu falei: Quando eu tenho que começar, eu quero minha carteira registrada eu tava curiosa né, para registrar meu carteira. Ela falou: - Vai registrar eu vai fazer tudo... Tudo. E você vai receber 800.00 reais, eu vou descontar 100,00 você vai receber 700.00.

Eu aceito, eu gostaria de trabalhar. Mas quando eu comecei a trabalhar tem quinze dias ela não pediu carteira. Mas eu falei:- Você não vai pegar a carteira mais? Ela falou:

- Maria, eu já fiz as contas, eu vi, você vai receber, se eu assinar a carteira você vai receber 622,00 reais, vai dar certo pra você?

Eu falei: Não sei se vai dar certo. Eu vou conversar com meu marido. Mas qualquer coisa a gente se fala. Eu falei que ia consultar meu marido primeiro. Eu falei, eu vou consultar com meu marido. Se e ele aceita, eu vou aceitar também. Ela falou:

- Então vem com sua carteira!

Eu vim com a carteira, eu pegou meio dia e eu fui peguei a carteira e deixei com ela e quando eu cheguei às 7horas da noite. Eu falei com meu marido. Meu marido falou:

- Ela já falou que você vai receber 700,00 e agora 622,00.

Aí eu vi que meu marido não gostou. Ela não falou assim; não gostei, mas eu já percebeu como ele falou. Quando eu liguei para ela eu falei Camila – Não assine minha carteira (risos). Ela falou:- Não vai vir mais- Eu falei: Claro que eu vou vir! Eu quero conversar com você primeiro. Eu falei Camila se não assina a carteira quanto você vai me pagar se não assina a carteira? – Você vai receber 800,00, viu!

Ela não queria assinar a carteira de verdade, me enganei de novo. Quando ai meu marido já tava querendo fazer o passaporte das crianças.

F: Você estava querendo trazer as crianças?

M.C: Sim

F: Você estava em Porto Velho ainda?

M.C: Eu já fazer os passaportes, todos os papeizinhos, né. Só pagava à vista, o dinheiro é muito pesado. E eu levei para fazer 4 passaportes, se mãe não está, pai não está, valer muito dinheiro de lá do Haiti, É demorado demais para fazer. E meu marido falou: -

- Eu não tenho dinheiro para conseguir fazer quatro passaportes, o que eu vou fazer? Eu vou voltar ao Haiti eu vou ir e fazer dois ou um mês para fazer o passaporte. Eu vou voltar!-

Meu marido foi no trabalho dele e falou que vai sair do emprego.

F: Ele ia sair do emprego?

M.C: Ele falou que vai sair. A gente falou que se você vai sair do emprego, eu vou sentir muito a saída de você. Você vai ter que voltar. Meu marido aceitou:

_ Sim eu vou precisar do emprego quando minhas crianças vêm, eu vou precisar. Se a gente me dá todas as minhas coisas, quando eu terminar de fazer o passaporte eu volto.

E dai meu marido foi lá falar com o chefe. O chefe falou:

- Sim eu vou dar todas as coisas de você, mas depois de cinco meses você tem que voltar. Eu vou assinar sua carteira de novo.

Meu marido já tem 3 anos e dois meses..

F: De carteira?

M.C: De carteira assinada. A gente dá todas as coisas com ele. Meu marido foi comprar bilhete para ir ao Haiti. Meu carteira não está registrada eu trabalhava de diarista, né. Quando ele foi comprar o bilhete, quando ele terminou de comprar o bilhete, carteira dele vencida (o passaporte). A gente falou você tem fazer passaporte. Meu marido falou:

- Eu sou haitiano, eu pensei se meu passaporte venceu eu podia ir, quando eu chegar no Haiti eu faço. Quando eu chegar eu faz passaporte e entro de novo.

Eu falei: antes era assim, agora não é assim. Tem que ir legal para sair do país. Meu marido falou:

- E agora?- (Agora ele saiu do emprego) o que eu vou fazer?

F: Ele saiu do emprego?

M.C: Já saiu, já recebeu todo o dinheiro dele. Aí eu falei: - O que nós vai fazer? O que a gente vai fazer? Você quer sair do emprego mesmo. A gente vai saber que você mentiu para o seu chefe. Ai eu falei: não tem saída. Meu marido foi consultar a gente que fazia passaporte lá em Porto Velho. A gente falou passaporte vai sair em três meses. Mas meu marido tem família dele aqui, primo prima.

F: Ele tem parentes aqui no Brasil?

M.C: Ele tem primo, prima aqui no Curitiba. Ele ligou para prima.

F: Ah! O teu marido tem família aqui?

M.C: Sim. Quando ele ligou a gente falou:

- Aqui em Curitiba, em um mês sai o passaporte viu!

F: Ah! Ele fez aqui dai. Entendi.

M.C: A prima dele falou que saiu em um mês no Curitiba. Eu falei para meu marido: O que nós vai fazer? Nós vai morar na Curitiba. Eu falei eu não tenho problema para sair do trabalho sabe meu carteira não está assinada, nós pode ir lá para você conseguir fazer o passaporte e ir logo, logo ao Haiti. Para o seu chefe vai saber que você tá mentindo para ele. Meu marido falou:

- É verdade é um bom conselho, eu vou fazer isso.

Nós temos muita coisa nessa casa nós mora lá três anos.

F: Vocês tinham móveis?

M.C: Nós vendemos tudo.

F: Vocês tinham móveis na casa, tudo?

M.C: Nós vende tudo, nós vem aqui.

F: Com é que vocês vieram para Curitiba, de ônibus, de avião?

M.C: De ônibus//antes +.nós vem , manda alugar casa primeiro.

F: Ah! Vocês pediram para a família daqui alugar a casa.

M.C: Aí nós, quando nós desce já está na casa gente.

F: Quando vocês chegaram aqui, vocês já tinham casa para morar. Vocês vieram de ônibus.

M.C: Uhum! Uhum!

F: Vocês saíram de onde?

M.C: Eu sai dia 30 né.

F: Não, mas de que cidade. Vocês saíram?

M.C: Eu sai de Porto Velho.

F: De Porto Velho. Você lembra que ano que foi?

M.C: 2014 mesmo, fins de 2014.

F: Ah! Tá. Trinta de novembro.

M.C: Dezembro

F: No finalzinho do ano.

M.C: Nós passa todo natal no ônibus, já três dias no ônibus.

F: Três dias, nossa!! Você passou o natal no ônibus?

M.C: Uhum!Uhum!(risos)

F: Então você saiu antes do dia 30?

M.C: 29nós chega dia 1º ou 2 nós chega aqui no Curitiba.

F: De 2014, então faz pouco tempo que você está em Curitiba?

M.C: Uhum! Uhum!

F: Como é que foi vir para Curitiba?

M.C: Quando nós vem aqui meu marido foi fazer passaporte. A gente falou vai sair em dois meses. Nós fazer passaporte. Aí nós compra móveis de novo e nós faze seis, cinco meses sem trabalho.

F: Sem trabalho, nenhum dos dois?

M.C: Nós paga 500,00 de aluguel.

F: E como é que vocês fizeram sem?

M.C: Meu marido recebe seguro desemprego né.

F: Ah! É porque ele já tinha três anos de emprego.

M.C: Ele fala- Meu Deus!- Meu marido manda dinheiro para fazer passaporte. Ele falou ficar no Brasil por mais tempo, vou mandar dinheiro para fazer passaporte. Ele paga o preço que quiser né, para sair o passaporte logo.

F: E saiu logo?

M.C: Saiu

F: Quanto tempo?

M.C: Saiu, passava de fazer quinze dias.

F: Saiu rápido!

M.C: Quinze dias, mas custou bastante dinheiro.

F: Bastante dinheiro?

M.C: Ahhã!

F: Mas vocês pagaram para alguém?

M.C: Ahhã! Eu paguei para a gente assinar, fazer tudo né.

M.C: O passaporte é um documento, mas sem um documento você não pode ir ao embaixador de visto.

F: Não pode ir na Embaixada?

M.C: Não pode ir sem passaporte, sozinho.

F: Não?

M.C: Tem uma coisa que se chama Archieve Nationale

F: Ah! Tá!

M.C: A gente tem que fazer, isso é muito difícil no Haiti.

F: Arquivo Nacional?

M;C: É Archive, né.

F: Aqui no Brasil isso?

M.C: Não, lá no Haiti.

F: Ah! Tá pensei que era aqui. Mas ai vocês estão aqui no Brasil, aqui em Curitiba já e teu marido procura emprego?

M.C: Procura..procura...procurando ele acha no CEASA.

F: Mas como é que vocês procuram emprego, vocês falam com os outros haitianos, vão numa agência, como é que é?

M.C: A gente foi no SINE,né.

F: AH! No SIINE

M.C: Sim. Às vezes tem bastante gente que conseguiu no SINE. Meu marido encontrou no CEASA.

F: Ele está lá até hoje?

M.C: Não, ele faze uma semana no CEASA e a gente não paga bem a diária. Não assina carteira e não paga bem. Uma semana e quando meu marido foi buscar o dinheiro e a gente dá 280,00 por semana. Meu marido ficou com raiva e falou.

- Não vou brigar!(risos) Deus vai me ajudar. Não vou brigar! (risos)

Eu falei:- você pegou o dinheiro? Ele falou:

-Fazer o quê? Eu vou brigar? Eu vou não brigar não.

Ele pegou o dinheiro ele nunca voltou.

F: Mas não foi mais trabalhar?

M.C: Ele não voltou mais, ele não trabalho no CEASA. (risos) No CEASA só vai comprar as coisas lá no CEASA. Ai nós faz amendoim para vender.

F: Como é que é o amendoim do jeito que os haitianos fazem?

M.C: Uhum!Uhum!

F: Como é que é, é gostoso?

M.C: É gostoso!

F: Como é que faz?

M.C: A gente compra batedor de amendoim. E esqueci como chama esse nome. Eu já comprei dois e esqueci o nome.

F: Moedor

M.C: É moedor de amendoim é.

F: AH! Como é o nome do doce que vocês fazem?

M.C: Mambá, chama Mambá em nosso idioma. Nós coloca açúcar, canela e....

F: Com é que se escreve mambá?

M.C: É assim mesmo

F: Açúcar, canela e o que mais?

M.C: Nós coloca óleo, óleo quente vai batendo bem quente. Quando tá terminando da quentura, deixa esfriar um pouquinho e depois bate, bate, bate, sabe.

F: Que forma que fica?

M.C: Fica bem molinho, bem delicioso, fica..

F: Deve ser muito bom. E onde vocês vendiam?

M.C: Ih! Eu fui no Pinhais. Tem um primo que mora lá que é casado com minha prima né. Ele mora lá no Pinhais. Eu manda vinte, ele colocava caixa com tampa e vende a 25,00 reais.

F: E você vende ainda?

M.C: Não, agora não tem tempo para fazer e meu primo não está aqui mais, ele viajou para Chile.

F: E teu marido trabalha no quê agora?

M.C: Agora meu marido encontrou emprego, não é muito tempo não. Ele ainda não tem dois meses não.

F: O que ele faz?

M.C: Ele trabalha no frigorifico.

F: Frigorifico. E as tuas crianças?

M.C: Ele já tava fazendo diária lá, mas quando ele vai buscar as crianças ele fala com a gente que ele vai sair da empresa, mas a carteira dele não está assinada, né.

F: Não está assinada?

M.C: Não está assinada e ele só cobra as diárias. A gente falou:

- Ai eu gosto muito do serviço de você, você não vai voltar?

Ele falou:

- Vai voltar sim. Mas minha carteira não está assinada. E agora eu vou ao Haiti e o meu lugar? Vocês vão pegar outra gente?

A gente falou:

- Não, eu não vou pegar outra gente no lugar de você não. Você é muito trabalhador, muito ativo, eu vou deixar seu lugar aqui. Deixa seu carteira aqui, a gente assina.

Dai meu marido viajou dia 3 de novembro.

F: De 2014?

M.C: 2015, né

F: AH! Agora. Foi buscar seus filhos?

M.C: Foi buscar as crianças e já estão aqui.

F: Quando que ele voltou?

M.C: No dia 11 ele voltou dia 11.

F: Como é que foi pra você ver as crianças de volta?

M.C: HUM???(não compreendeu a pergunta)

F: Como é que foi pra você ver suas crianças de volta?

M.C: Mas, ai meu marido tava trabalhando de diarista lá no frigorífico, né.

F: Ahhã!

M.C: E minhas crianças já tem o passaporte. Já tem todos os documentos. Nós já faze antes né. E tava caminhando... né.

F: Uhum! Uhum!

M.C: E daí meu marido trabalhou lá 100,00 reais por diária.

F: Cem reais.

M.C: Mas pra conseguir visto, para fazer foto para mandar para Porto Príncipe nós tem que ter 1600,00 dólares. Daí meu marido trabalhou três meses de diária lá e ganhou esse

dinheiro e comprou dólares, paga todos os documentos e paga visto. Aí eu fica ansiosa a gente falou que vai me ajudar a trazer as crianças.

F: Quem que te ajudou?

M.C: A empresa.

F: E aqui, também te ajudaram? (referência às pessoas do prédio onde Marie trabalha)

M.C: Ah! Uhum! Uhum! Toda gente.

F: As pessoas te ajudaram com dinheiro?

M.C: Com dinheiro.

F: E ai teu marido já voltou com eles? E como é que você ficou quando você viu eles?

M.C: O pequenininho aquele de seis anos não me conhece.

F: Quanto tem o recém-nascido? Menino?

M.C: Vai fazer cinco anos já.

F: Ele nem te conhecia.

M.C: Não me conhecia. Mas quando ele me//. Mas eu tava ansiosa eu deixo o trabalho às quatro e quarenta e fui buscar ao aeroporto né. Eu não sabia onde era o aeroporto ai eu falei com a gente da empresa ela me deu um papel, por onde tem que passar para ir para o aeroporto né. A gente falou:

-Você é inteligente Maria você vai achar?

E eu peguei ônibus vermelho né, o Centenário e fui até a ferroviária (a Rodoferroviária de Curitiba) e desci lá eu entrei dentro e peguei ônibus lá. (ônibus para o aeroporto).

F: E foi para o aeroporto?

M.C: Mas quando eu cheguei eu não encontrei!

F: O aeroporto?

M.C: É eu cheguei eu chega muito tarde!

F: E as crianças estavam onde?

M.C: Meu marido já pegou um taxi(risos). E eu sabe, eu vou esperar minhas crianças. Quando eu cheguei na sorveteria eu já comprei sorvete e fiquei esperando as crianças. Mas eu não vi um sinal. E aí eu liguei pro meu marido, eu liguei em casa. Eu deixei uma amiga minha para fazer almoço para fazer as coisas lá. E quando eu liguei eu falei com meu marido. Eu falei onde você tá? Ele falou:

- Eu tava esperando Maria. Você tá saindo às cinco horas. É muito longe lá, você não vai conseguir encontrar conosco. Eu peguei um taxi lá, as crianças estavam falando que já estavam com fome, com sede e eu peguei um taxi.

Ai eu deliguei e fiquei com raiva (risos) mas quando eu cheguei a raiva passa.

F: E fazia quantos anos que você não via eles?

M.C: Quatro anos.

F: E eles estão..., como é que tá agora? Tá tudo bem?

M.C: Tá tudo bem, né. As crianças sabem muito né.

F: Você já conseguiu escola para eles?

M.C: Não, agora não. Sabe, é meu marido que foi buscar as crianças, eles não traze documentos da escola do Haiti. Mas eu já falar com alguém a gente fala que não vai ser tão difícil assim, mas é as crianças não é gente grande né.

F: Você acha que consegue escola para eles no ano que vem já?

M.C: Eu acho, mas eu quero encontrar o número da escola para encontrar vaga e fazer matricula em uma mais perto né.

F: Tem escola mais perto da tua casa?

M.C: Ele só vi uma escola lá no Tatuquara.

F: E você foi lá.

M.C: Eu não fui eu não tenho tempo para ir. Eu saio às cinco.

F: Precisa de alguém ir à escola para você. Precisa de alguém ir lá para conseguir uma vaga né. Tem escola municipal lá perto?

M.C: É municipal mesmo. Essa escola chama: Escola Municipal Antônio Pietruza (CEI Centro de Educação Integral Antônio Pietruza – Vila Palmeira no bairro Tatuquara).

F: Antônio Pietruza?

M.C: Municipal. Eu não tenho tempo. É que eu não quero assim sair do trabalho para procurar vaga assim, eu não achava né. . Eu não pode faltar aqui.

F: Você não tem nem uma pessoa que pode te ajudar.

M.C: Eu já falar com a síndica. A síndica já tentou, já ligou lá. A gente não atende, talvez segunda feira né.

F: Ah! Tá! Você tem amigos aqui em, Curitiba?

M.C: Amigo brasileiro? Ou haitiano?

F: Brasileiro?

M.C: Não. Ainda não. Eu só tem a dona da casa, ela é muito bonzinha comigo.

F: A da casa que você aluga?

M.C: É mas precisa alugar outra casa, essa tá muito pequena, tá muito apertadinha não tem lugar para a gente sentar, não tem lugar para as crianças brincar, né.

F: E quanto você paga de aluguel? 500?

M.C: Uhum! Uhum!

F: E onde você mora você gosta de morar no Tatuquara, ou não?

M.C: Não. No Tatuquara eu não gente para sair lá, eu não pode sair. Não pode ir ao trabalho do meu marido não tem ônibus. Ele trabalha no interior de Curitiba, no interior do Paraná vem pagar ele às seis horas lá.

F: Ele trabalha num frigorifico né. AH! E precisava //. Vocês tem amigos haitianos aqui?

M.C: Eu tenho bastante haitianos que já conhecia, que saiu da minha cidade comigo, prima, primo do meu marido e gente da igreja.

F: Onde é que você congrega em qual igreja?

M.C: Quando eu fui à igreja, antes de eu encontrar esse trabalho, eu anda em uma igreja que tem bastante haitiano. Mas eu não sei o nome da igreja. Só que eu não fui mais lá, não tenho mais tempo. Quando eu chego em casa tô cansada. Domingo tenho que dormir bem. Todo dia eu levanto cedo né.

F: Você acorda de madrugada né?

M.C: Não quando eu vô tô em casa é muito tarde eu não tenho tempo para ir.

F: Você não tem tempo para ir a igreja?

M.C: Mas eu vou, eu quero ir. Mas é que faltam algumas coisas que falta também. Sabe quanto dinheiro que nós tem para comprar roupa//vou querer comprar para as crianças, para min também para nós ir para a igreja.

F: É você que cozinha na tua casa?

M.C: ?

F: Você que faz a comida em casa?

M.C: Eu faz comida, mas a menina é muito inteligente ela faz comida também.

F: Tua filha?

M.C: Ela fez, //, mas eu vi ela faze igual como eu.

F: O que você faz? Tem uma comida especial que os haitianos comem, assim?

M.C: Não tanto especial, nós comemos, nós gosta muito legumes.

F: Legumes cozidos?

M.C: Gosta Quiabo, chuchu, berinjela. Muita coisa!

F: E arroz e feijão?

M.C: Nó faze feijão com essas coisa também.

F: Dentro do Feijão?

M.C: Uhum! Feijão, frango..

F: Você consegue achar as coisas aqui para fazer essas comidas que vocês gostam?

M.C: Lá no CEASA, não falta lá.

F: Você compra lá?

M.C: Eu não compro lá.

F: Como você faz?

M.C: A gente manda um saco de um de coisas. Eu tenho um padrinho das crianças.

F: Que é haitiano também?

M.C: É, ele tem um menino que// aqui meu marido que é padrinho do menino. Nós mora pertinho né.

F: Como é que chama daí, é compadre?

M.C: É igual

F: Compadre. Você tem um compadre que trabalha no CEASA.

M.C: Ele sempre traz mango, fruta, muita coisa.

F: Que ótimo!

M.C: Batata doce, batata...

F: Nossa como é nome dele?

M.C: Ele se chama Jackson Tobute.

F: Jackson Tobute, quem sabe eu possa entrevista-lo um dia, né.

F: Você conhece mais mulheres haitianas que eu possa entrevistar? Eu gostaria de entrevistar. Fazendo essa conversa, assim falando um pouco do Haiti, da vida aqui, né.

F: Você pensa em voltar para o Haiti?

M.C: Mas meu pai tá lá, minha mãe tá lá, eu poder voltar um dia para ver minha família.

F: Só para visitar?

M.C: É, mas para ficar não.

F: Por quê?

M.C: Não é por nada. Sabe, aqui é muito diferente, é duas coisas diferentes. Aqui é um grande país, tem trabalho, a gente pode conseguir algumas coisas.

F: Lá é mais difícil?

M.C: Lá não tem muito trabalho. A gente pode terminar a escola, pode estudar todas as coisas que existe, mas não tem trabalho. Mas não vai...

F: Não consegue... E tem muita gente que sai da Haiti né Marie?

M.C: É verdade

F: Marie eu tenho muito que te agradecer. Foi muito bom conversar com você a gente volta a conversar se tiver tempo e disponibilidade né. Por hora muito obrigada, você é uma pessoa muito simpática.

M.C: Muito obrigada também.

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1) Local da entrevista, dia, data e hora:

2) Identificação da entrevistada: nome, idade, ocupação, onde vive, com quem e outras informações pertinentes.

3) Onde nasceu (em que lugar do Haiti)? Como era a vida no Haiti? Em quantos lugares morou? Onde estudou e trabalhou?

- 4) Como é sua família?
- 5) Por que você saiu do Haiti, por onde passou antes de vir para o Brasil? O que você sabia do Brasil?
- 6) Como foram os preparativos para viagem?
- 7) Como foi se despedir da família?
- 8) E a viagem, como foi? De onde partiu, por onde passou até chegar ao Brasil?
- 9) Como chegou aqui em Curitiba? Onde ficou hospedada?
- 10) Como você fez para arrumar trabalho?
- 11) Como é tua relação com as pessoas que trabalham com você?
- 12) O que você acha do Brasil e de Curitiba?
- 13) Você tem amigas e amigos brasileiros?
- 14) Você pensa em voltar para o Haiti?
- 15) Você envia dinheiro para o seu país?
- 16) Você fez ou faz algum curso de português para estrangeiro?
- 17) É difícil para você aprender a língua portuguesa?
- 18) Pensa em estudar mais?
- 19) Você prática ou pertence a alguma religião?
- 20) Como você e sua família (no caso de entrevistada vivendo com família no Brasil) fazem quando precisam de atendimento médico?
- 21) Espaço para anotações e informações decorrentes do contexto da própria entrevista:
